

# Maniqueísmo econômico

PEDRO GOMES

*economia - Brasil*

Nesta altura do século, parece indubitável que todos os brasileiros minimamente pensantes entendem a fundo de economia. A maioria, obviamente, está fora do Governo, mesmo porque há um número muito limitado de vagas na cúpula econômica do poder e em suas principais assessorias.

Outra evidência neste cenário de sapiência espontânea e generalizada é a de que todas as verdades da política econômica estão situadas fora dos muros governamentais. Dentro, destes só há lugar para a incompetência sistemática, para o erro primário, obsessivo e calamitoso. Pouco importa que os errados congênitos estejam forrados de títulos de formação acadêmica, de exposição doutrinária, de cátedra ilustre ou de cristalização experiencial. A incoerível tendência para o equívoco e o desacerto pesa como uma maldição sobre os economistas convocados à função pública.

O erro oficial não tem escapatória, estigmatiza fatalmente qualquer projeto ou programa, seja desde logo na origem ou no curso de suas etapas. Se a iniciativa condenada *a priori* não muda de rumo, mantendo-se fiel ao objetivo, passará então por obtusamente desastrada. Quando faz correções sob a pressão de circunstâncias internas e/ou externas, inclusive atendendo de alguma forma às críticas deste ou daquele foco de julgamento, aplicam-lhe a sentença da intempestividade.

Por exemplo, muitos dos corifeus da desvalorização do real (sem jamais estimarem qual o valor correto e como petrificá-lo) hoje alegam que a medicina mágica contra a crise foi ministrada fora do seu *timing* e carecendo de pré-requisitos esquecidos, e

por isso já não tem condições de curar os males do ataque especulativo, da "agiotagem internacional", da sangria de reservas cambiais, do desajuste fiscal, do desemprego, da recessão e demais pragas atribuídas ao modelo econômico vigente. "Se fosse em 1995, se fosse em 1997, mas agora..." Agora vai trazer a inflação, a indexação e o desabastecimento de volta, enlouquecer os preços, reacender as demandas salariais, sepultar de vez a retomada do crescimento, elevar a nossa dívida externa a níveis insustentáveis, explodir a dívida interna, multiplicar a massa de desempregados, virar o país pelo avesso e jogá-lo no buraco negro da insolvência.

A bem da isenção, não se diga que a sabedoria macro e microeconômica de milhões de brasileiros padece da cobertura de profetas e gurus de outras galáxias. Pelo contrário, há uma força-tarefa de professores e analistas estrangeiros especialmente dedicada a atacar as bases das tentativas nacionais de mudança e reforma. Eles fornecem munição teórica para a guerrilha interna e empanturram de insumos apocalípticos a credence da nossa hecatombe particular, às vésperas de completarmos nossos jovens e tão esperados 500 anos de idade. Parece uma conspiração globalizada para excluir o Brasil das festas do novo século, do terceiro milênio, dos dois mil anos do advento de Cristo e do aniversário do Descobrimento. É como morrer na praia e sem direito ao maior réveillon do século, na orla de Copacabana.

Falta uma pesquisa séria, neste país, para estudar os motivos dessa inversão de termos que ocorre na

esfera da política econômica. Por que só sabe das coisas — presentes e futuras — quem está nos subúrbios do seu comando e de sua execução? Por que o conhecimento dos problemas dessa área tão complexa converteu-se em monopólio precisamente daqueles sem acesso direto aos dados e informações que definem as estratégias aplicáveis? Por que os diretores, executivos e operadores do Banco Central, especialmente, estão fadados a bancar os eternos trapalhões ao juízo de tantos que nem sequer passariam num concurso público para os cargos e empregos mais modestos da instituição?

E, no entanto, pretende-se ao mesmo tempo que os ex-dirigentes desse mesmo banco de "pernas-de-pau" sejam colocados no lazareto antes de ocuparem funções no mercado financeiro. Só se pode presumir, em tal proposta, a intenção de proteger o sistema privado das inaptidões trazidas do setor público pelos que a deixaram por vontade própria ou fritura.

Nesse caso, um rápido "descarrego" num terreiro baiano surtiria melhor efeito do que a demorada descontaminação da quarentena.

Não estamos falando de quem, embora sem titulação acadêmica, faz a crítica do modelo econômico por força de credenciada intimidade ou obrigatório envolvimento na matéria, atuando como político, parlamentar, jornalista do ramo (não o generalista), consultor, banqueiro, investidor, líder empresarial etc. Nesse segmento autorizado, a pretensão do domínio da certeza econômica ainda pode servir-se do benefício da legitimidade. Existem, claramente, figu-

ras notáveis e respeitadas em tais círculos.

Mas aqui nos referimos, sobretudo, aos economistas e financistas sem lenço nem documento, que num golpe de ilusionismo ou de ousadia se transformam de repente em catedráticos na especialidade.

A propósito, nos telejornais brasileiros é comum vermos repórteres ultrapassando as fronteiras de suas atribuições com juízos de valor sobre decisões da política econômica, as quais, quando mal ou maliciosamente divulgadas e interpretadas, acabam tocando a pele sensível do mercado e nela provocando comichões ou mesmo queimaduras de diversos graus.

A escola maniqueísta brasileira cria monstros e anjos em torno da diretriz econômico-financeira do país, sem dar lugar sequer a atores intermediários. Os anjos instalam-se mais a cômodo nos variados nichos da oposição, de onde detonam os seus antemas implacáveis. Os monstros estão nas fortificações do Governo, com a cabeça feita pelo FMI, pelo "pensamento único", pelo "consenso de Washington" e as manoplas prontas para estrangular os inocentes. As peçonhentas idéias neoliberais lhes fazem ferver o sangue para a fúria contra os desposuídos e excluídos da nossa sociedade injusta. Eles matam e esfolam e depois ainda vão ao cinema.

Em tudo isso há o dedo das concepções democráticas mal resolvidas. O maniqueísmo político ou econômico é um corpo estranho no contexto correto da democracia, regime que pede ao menos respeito pelas opções e prioridades da maioria que alcança o poder pelo voto do povo.

PEDRO GOMES é jornalista.

...é como  
morrer na  
praia, sem  
direito ao  
réveillon 99